

Gente real,

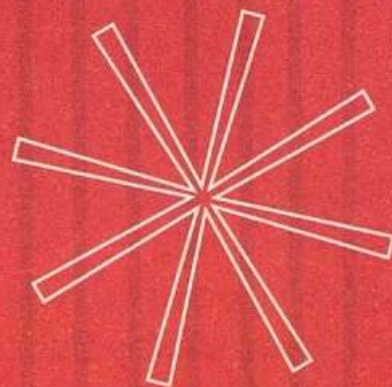


o Natal nos dá razões para



Estas 13 pessoas vão sempre se lembrar umas das outras no dia de Natal.
(Jonathan Stewart é o do centro.)

milagres reais



acreditar... Eis aqui quatro.

A união faz a força

HAL KARP

NO DIA SEGUINTE ao Natal do ano passado, o trânsito fluía bem na Cedar Avenue, uma das vias principais, de quatro faixas, em Fresno, Califórnia. De repente, uma caminhonete branca bateu na barreira divisória das pistas e se lançou no ar, voando sobre a mureta com uma cambalhota. Segundos depois, um estrondo encheu as ruas silenciosas, quando a caminhonete desabou no chão, a dianteira do-brando-se como papel-alumínio.

Bob e Grace Hatmaker haviam acabado de passar naquele exato lo-

cal. Olharam para trás e viram o veículo ainda em movimento, girando de lado pela estrada, soltando fragmentos de vidro e metal. Por fim, ao bater na calçada oposta e derrubar um poste, a caminhonete parou. Grace, enfermeira havia 30 anos, abriu sua porta.

Logo atrás da caminhonete vinham Hung e Nhung Nguyen. Marido e mulher fizeram o primeiro retorno e pararam perto do local do acidente. Caída sobre o lado do motorista, a caminhonete - cheia de equipamentos para limpeza de tapetes e tanques de água - chiava no ar frio e úmido.

A uns 20 metros dali, por trás de uma cerca e de um quintal, Jordan Thomson, 18 anos, sua irmã, Heather, 16, e o primo deles, Scott Beatty, 13, desfrutavam uma ceia de Natal tar-

dia com os avós. De repente, a mesa estremeceu e o estrondo da batida invadiu a casa. Jordan correu para o jardim e ouviu um homem gritar: “Socorro! Tirem-me daqui!”

“Chame a Emergência”, gritou o adolescente aos avós, antes de pular a cerca. Heather e Scott o seguiram.

Correndo em direção ao acidente, viram de onde vinham os gritos: Jim Tracy, o rosto coberto de sangue, tentava sair do veículo pelo pára-brisa estilhaçado.

Yvette Crozier-Matula e Michael Matula, que também tinham testemunhado a batida, socorreram-no quando ele desmaiou na calçada. As pessoas ficaram aliviadas, pensando que o sobrevivente fosse o motorista.

Mas Grace Hatmaker, parada junto à frente da caminhonete, olhou para baixo e descobriu a realidade. Ali debaixo, coberto de vidro, estava o verdadeiro motorista, preso pelo veículo do peito para baixo. Inclinação – metade sobre a calçada, metade fora dela –, a caminhonete apoiava seu peso no corpo do homem.

“Tem alguém ali debaixo!”, gritou Grace. O marido dela, Bob, afastou o vidro. Zoe Anne Pope, que acabara de chegar ao local, ajudou. Em segundos, todos o viram: Jonathan Stewart, 35 anos, jazia lívido e imóvel. Embora tivesse os olhos abertos, não se via nenhum sinal de vida.

Grace se ajoelhou e pôs a mão no pescoço de Jonathan. “Ele não tem batimento cardíaco”, disse. “Também não está respirando.” A *caminhonete* *está esmagando*, pensou ela. Viran-

do-se para as pessoas aglomeradas, pediu: “Temos de aliviar o peso!”

Bob Hatmaker se adiantou e pôs as duas mãos no capô da caminhonete. O marido de Zoe Anne, Roy, um pastor, e a filha do casal, Hilary, imitaram-no. Michael Matula, Jordan e Heather Thomson, e Scott Beatty também se posicionaram. Todos começaram a empurrar juntos. Mas a caminhonete não se mexia.

Zoe Anne se ajoelhou de frente para Grace e começou a rezar o pai-nosso. Grace a acompanhou. Em poucos segundos, a caminhonete começou a levantar. Várias outras pessoas – entre elas Wendell Gentry e Hung e Nhung Nguyen – puseram as mãos no veículo e empurraram. A caminhonete levantou ainda mais.

“Seja feita a Vossa vontade”, diziam Grace e Zoe Anne e, enquanto a oração prosseguia, Jonathan começou a respirar, com arquejos entrecortados, e seu pulso retornou.

“Ele está respirando!”, animou-se Grace. “Continuem!”

Mas a caminhonete, agora soltando água espumosa, não se mexia mais. Heather pegou um pedaço do poste caído e tentou usá-lo como alavanca para suspender a traseira do veículo. Ao ver a irmã, Jordan gritou: “Heather, traga isso para cá!”

Enfiando o poste debaixo do automóvel, Jordan e outros empurraram com toda a força. Embora tivessem de lutar para não deixar o poste derapar no pavimento molhado, a caminhonete se ergueu mais uns 30 centímetros.

O capitão Lionel McPeters, do Corpo de Bombeiros, foi um dos primeiros integrantes da equipe de emergência a chegar ao local. Aprendera a não usar civis destreinados em resgates, mas logo se deu conta de que aquelas pessoas haviam acabado de salvar a vida de um homem. “Segurem firme”, disse ele ao grupo.

Os profissionais de salvamento levaram dez minutos para libertar Stewart. Por fim, McPeters pediu aos civis que soltassem o veículo e a caminhonete tombou com um rangido.

No todo, eles haviam levantado o veículo cerca de 45 centímetros do chão, mantendo-o suspenso durante 20 minutos ou mais. Instantes depois, a maioria dos bons samaritanos havia partido.

Jonathan Stewart teve a aorta rompida, o pulmão perfurado e mais de uma dezena de ossos quebrados, inclusive o crânio e várias vértebras. Apesar disso, sobreviveria, graças a um grupo de estranhos que naquele dia parou para lhe dar um presente de Natal atrasado: sua vida.

Sob o arco NATALIE GARIBIAN PETERS

DO PALM BEACH POST

EU ESTAVA estudando em Paris, deleitando-me com as aulas da faculdade, as viagens de fim de semana e a minha própria renascença. Meu pai havia me pedido para procurar parentes que talvez morassem



Arev e Natalie, jantando em Paris.

perto, mas não procurei. Queria me sentir sofisticada e livre, cortando laços familiares e abandonando os arreios de minha criação americana.

O verão passou. Os dias ficaram mais frios e escuros. E, mesmo na Cidade das Luzes, comecei a sentir saudade da família. Eu me sentia sozinha e deslocada, ansiando pelas alegrias familiares do Natal. Perguntei-me se não estaria virando as páginas de minha vida depressa demais.

Assim, num dia frio e triste de 1996, peguei-me andando em direção à Igreja Armênia, uma modesta construção de pedra na luxuosa Rue Jean-Goujon.

Sentei-me afastada, debaixo de um dos lindos arcos de pedra. Enquanto o *Der Hayr* (padre) falava, vi uma senhora, curvada, andando no corredor à procura de um assento livre.

Conhecendo a duração da missa armênia, eu não queria exatamente ceder meu lugar, mas eu tinha 20 anos e ela, 70. Então, quando a senhora se aproximou, ofereci-lhe meu assento, em armênio. Ela acei-



**Trinta crianças
sem teto
precisavam dele.
Marc Wilson
precisava delas
ainda mais.**

tou sem nada dizer, e postei-me ao lado, debaixo do arco.

De vez em quando, ela olhava para mim. Peguei-me retribuindo o olhar. Havia algo de suave e simpático em seus olhos castanhos, profundos e observadores. Ela se benzia, cantava e tornava a se benzer. Invejei o bem-estar e a segurança que parecia sentir ao cantar e erguer as mãos para Deus.

Quando a missa estava terminando, ela me perguntou em voz baixa:

- Você não é daqui, é?

- Como a senhora sabe?

- Você falou comigo em armênio.

Os jovens daqui falam francês. De onde você é?

- Dos Estados Unidos. Da Flórida - respondi.

Com os olhos na missa, ela disse:

- Tenho parentes na Flórida. Três irmãos: Sarkis, Dikran e...

- Ara - interrompi-a, com um nó na garganta. - Ara é meu pai.

O rosto marcado e forte da mulher se desfez em lágrimas. Ela levantou as mãos novamente.

- *Asdoodzo Kordzeh!* (Obra de Deus!) Há 30 anos procuro seu pai. Sabia que você era especial. Vi no seu rosto.

Ela era minha tia, da família dispersa de meu avô paterno, por consequência da diáspora armênia pelo Iraque, pela Síria e pelos Estados Unidos. Morava na Síria e só estava em Paris temporariamente. No entanto, aconteceu de estar debaixo daquele arco na mesma hora que eu. Atravessando mares e gerações, nós duas nos encontramos.

Eu achava que estava na França para descobrir quem eu era e reunir histórias para o futuro. Talvez não

soubesse bem o que estava procurando, mas também não precisei, porque um anjo do passado, Arev Kasparian, encontrou-me e reuniu nossa família.

Um Papai Noel inusitado

MARC HOWARD WILSON

DO STATE

(COLÚMBIA, CAROLINA DO SUL)

O INVERNO que se seguiu ao 11 de Setembro foi difícil para mim. Eu havia acabado de deixar o rabinato em Greenville, Carolina do Sul, embarcando no que seria um longo período de desemprego e, em plena meia-idade, muitos dias de depressão. Sentia um enorme vazio. Minha única alegria foi ter comigo os netos, Sophie e Simeon, para o *Hanukkah*, mas, quando eles voltaram para casa, de novo o estado de espírito sombrio e o vazio interior tomaram conta de mim. Foi então que minha mulher, Linda, diretora de uma instituição de caridade para os sem-teto, sugeriu que eu me vestisse de Papai Noel para 30 crianças, na programação natalina de uma repartição municipal. Como dizia ela, eu parecia o velhinho. Tenho barriga e barba cheia, quase branca.

Embora eu seja judeu, a questão de

esbarrar em costumes e fronteiras religiosas não me preocupava: sempre acreditei em incentivar as pessoas a serem menos rígidas em relação a essas delimitações. Ainda assim, por motivos que nada têm a ver com religião, naquele ano, não estava animado. Mas Linda insistiu que a vida continuava. Então, comecei a treinar meus sonoros “Ho-ho-hos”.

Eu não estava preparado para aqueles 30 pares de olhos que se cravaram em mim quando cheguei. “Papai Noel! Papai Noel! Olhe meus sapatos novos! Papai Noel! Eu me comporte direitinho. Papai Noel! A gente pode cantar *Sinos de Belém*?”

As crianças voaram para cima de mim, aos beijos e abraços. Todas se sentaram em meu colo e posaram para fotografias, e dei a cada uma delas um presente: um ursinho de pelúcia, uma boneca, um livro para colorir.

A alegria desinibida e as vozes entusiasmadas me trouxeram lágrimas aos olhos. Senti uma onda de compaixão. Aquelas crianças eram o presente mais frágil de Deus a um mundo frio: dádivas de inocência. Essa percepção confirmou para mim as profundas verdades da palavra de Deus. Aquelas crianças sem teto me arrancaram da insegurança e da desilusão. Naquele instante precioso, perdi a cabeça e recobrei a sanidade.

TESTANDO APENAS

Meu cunhado enviou a meu marido a seguinte mensagem por *e-mail*: “Esse é um teste do sistema de comunicação da família. Se fosse uma emergência real, sua sogra já teria telefonado.”

ABBIE JEWETT, EUA